

MERCADO TURÍSTICO: UM RECORTE ÉTNICO-RACIAL E DE GÊNERO

*Joyce Souza Oliveira*¹
*Juliana Maria Vaz Pimentel*²

Resumo: As relações de poder entre o gênero feminino e masculino possuem historicamente disparidades que dificultam a inserção das mulheres no meio socioeconômico, cultural e, por consequência, no mercado de trabalho. Estes obstáculos chegam carregados de cobranças e julgamentos perante a capacidade das mulheres de exercerem seus direitos a trabalharem e estudarem e de apresentarem excelência nessas funções. Diante dessa realidade, encontram-se as mulheres negras como subcategoria, visto que suas situações são atenuadas tanto por questões de gênero como também de raça. Portanto, este trabalho propõe como objetivo geral questionar quais são os problemas enfrentados pelas mulheres negras dentro do mercado de trabalho turístico. Esta pesquisa é fruto de discussões realizadas pelo grupo Tons Afro Unes Rosana -TAUR e metodologia utilizada pautou-se na pesquisa de caráter exploratório e qualitativo e, futuramente será realizada a aplicação de questionários para levantamento de dados que possam nos dar subsídios para compreender melhor a temática em tela.

Palavras-Chave: Mulher; Gênero; Mulher Negra; Mercado de Trabalho; Turismo.

Abstract: The power relations between the feminine and masculine genders historically have disparities that hinder the insertion of women in the socioeconomic and cultural environment and, consequently, in the labor market. These obstacles are loaded with demands and judgments regarding women's ability to exercise their rights to work and study and to excel in these functions, and in the face of this reality, black women are a subcategory, since their situations are attenuated by both gender and race issues. Therefore, this work proposes as a general objective to question which are the problems faced by black women within the tourist job market. This research is the result of discussions held by the TAUR group and the methodology used will be exploratory and qualitative, through theoretical references and future field research, through the application of questionnaires for data collection.

Key-Words: Woman; Gender; Black Woman; Labor Market; Tourism.

Introdução

A partir de estudos referentes a conjuntura da nossa sociedade, é possível analisar o modo como as relações de gênero são acentuadas em relação as disparidades no que se refere a questões sociais, econômicas, culturais e, até mesmo, racial. Sendo assim, podemos compreender que a relação de poder do homem sobre as mulheres é histórica e ainda se faz vigente. Nessa estrutura, justificam-se argumentos de que o gênero masculino exerce função biológica e cognitiva superior ao do gênero feminino, colocando as mulheres em um patamar de inferioridade.

Mesmo havendo avanços sobre a importância da equidade de direitos entre homens e mulheres, quando nos referimos ao mercado de trabalho, estatísticas apontam desigualdades atinentes ao piso salarial. Ao analisar dados referentes a condição das mulheres negras percebemos que esse abismo é atenuado, uma vez que elas têm de lidar com a carga de julgamento tanto por gênero quanto por raça. Portanto, partindo desta relação assimétrica entre os gêneros feminino e masculino no mercado de trabalho, procuramos compreender quais são as dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras dentro do mercado de trabalho no setor de turismo.

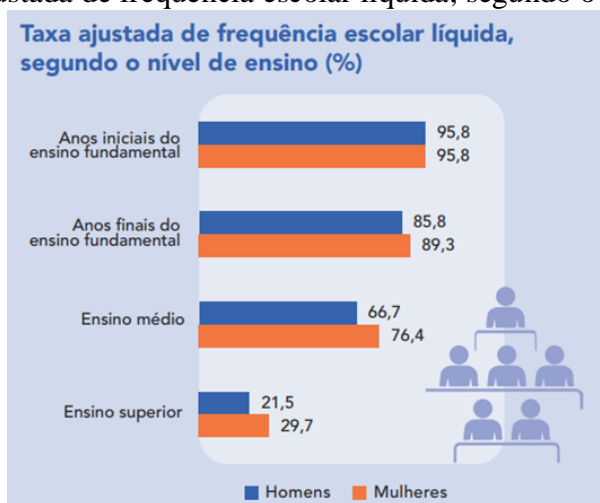
¹ Graduanda em Turismo - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FEC - ROSANA)
E-mail: joyce.oliveira@unesp.br

² Doutora em Geografia - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (FEC - ROSANA)
E-mail: juliana.vaz@unesp.br

Desenvolvimento

A concentração de poder econômico e social ao longo da história no Brasil é marcada por características desiguais quando analisadas sob a perspectiva de gênero. Essas diferenças entre homens e mulheres aumentam, sobretudo, no mercado de trabalho no que se refere ao piso salarial. Embora dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua - PNAD (2019) demonstrem que na frequência escolar e no ensino superior as mulheres possuem maior grau de escolaridade e graduação em relação aos homens, mesmo havendo maior qualificação da sua mão de obra, ainda há uma diferença significativa entre o piso salarial entre mulheres e homens.

Figura 1- Taxa ajustada de frequência escolar líquida, segundo o nível de ensino (%)



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019.

Como forma de luta por direitos iguais entre os gêneros, surgem os movimentos feministas, que passaram a protestar por igualdade de gênero, liberdade sexual, direitos trabalhistas e divisão das responsabilidades domésticas, dando início assim, a pautas de discussão voltadas a condição vivenciada por mulheres no mercado de trabalho e na sociedade como um todo. A entrada da mulher no mercado de trabalho, não foi acompanhado da sua emancipação em relação as obrigações no ambiente doméstico, em oposição, as imbricam não só à responsabilidade com tarefas domésticas como também profissionais.

Embora a igualdade profissional e a igualdade salarial estejam na agenda política das democracias ocidentais como uma das dimensões fundamentais da cidadania das mulheres, a divisão desigual do trabalho familiar e doméstico pesa sobre as desigualdades entre os homens e mulheres no mercado de trabalho e limita a autonomia das mulheres (LAUFER, 2003, p. 130 *apud* AMARAL, 2012 p.15)

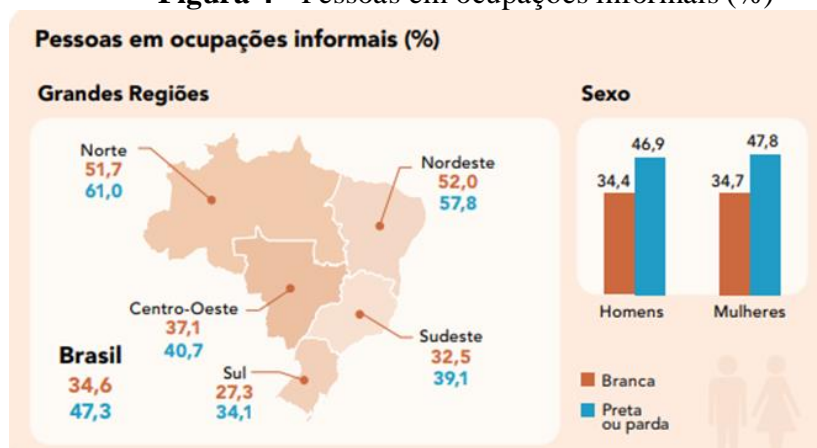
As condições das mulheres no mercado de trabalho são caracterizadas por situações de precariedade como desregulamentação de direitos trabalhistas, contratos de trabalho que as desfavorecem, como por exemplo, remuneração não condizente a sua jornada de trabalho (MOURÃO; GALINKIN 2008 *apud* BARROS; MOURÃO, 2018).

Esse cenário ainda é mais desigual quando se equipara a condição de trabalho entre mulheres brancas e negras. Soares (2000, p.51) diz que as “mulheres negras arcam com todo o peso da discriminação de cor e de gênero, e ainda mais um pouco, sofrendo a discriminação setorial-regional-ocupacional que os homens da mesma cor e a discriminação salarial das brancas do mesmo gênero”. Portanto, ao analisarmos as disparidades no histórico feminino no mercado de trabalho, pode-se questionar também o viés étnico-racial, numa conjuntura em que as dificuldades enfrentadas na

inserção das mulheres de cor no mercado de trabalho são ainda maiores. Direitos sociais, econômicos e culturais após a abolição da escravatura não lhes foram assegurados, iniciando um processo de construção de normas e leis trabalhistas embasadas em dinâmicas sociais racistas e classistas responsáveis por dificultar o acesso da população negra a diversos espaços da sociedade, as condicionando a funções de trabalho marginalizado (JACINO, 2008, p. 121).

Neste cenário, segundo dados divulgados pelo IBGE no ano de 2018, a mulher negra representa a maior porcentagem de ocupação de trabalho informal no Brasil;

Figura 4 - Pessoas em ocupações informais (%)



Fonte: IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2018.

Sendo assim, observa-se que a definição de trabalho informal está ligada a precariedade de acesso a remuneração salarial, a aposentadoria e outros direitos básicos assegurados pela contratação em carteira, portanto, subutilizando a força de trabalho de mulheres negras e as colocando em maior desvantagem no mercado de trabalho nacional.

Como maneira de mitigar essa problemática, os movimentos feministas propõem que essa parcela da população negra marginalizada, criem interseccionalidades do feminismo, que irão contribuir para que pautas de gênero, raça e classe sejam discutidas. (VIEIRA, 2017 p. 8)

Segundo o Politize³ (2020), interseccionalidade pode ser compreendida como uma maneira de analisar as desigualdades sociais baseadas não somente em eixos de classe ou gênero, mas também por raça, orientação sexual, identidade de gênero e outros grupos que são considerados minoria. Assim, dentro do movimento feminista é visto a necessidade de se trabalhar um feminismo interseccional, que tragam debates perante as dificuldades vivenciadas pelas mulheres negras ao longo da história.

As atividades escravocratas realizadas pelas mulheres negras como empregadas domésticas, cozinheiras, lavadeiras, costureiras, vendedoras de rua, ao mesmo tempo que facilitaram sua colocação no mercado de trabalho lhes proporcionaram uma ocupação no período pós abolição e lhes constituíram como responsável pela produção familiar, o que difere totalmente dos homens negros que não tinham nenhuma habilidade profissional e foram lançados no mundo de exclusão como cidadãos livres, sendo-lhes atribuídos a classificação de vagabundos e desordeiros, também lhe trouxeram um ônus muito perverso que foi o de que só serve para esse tipo de serviço. As mulheres negras foram literal e discriminadamente lançadas aos postos de trabalho considerados de segunda classe, trabalhos braçais e insalubres. (VILA NOVA SANTOS, 2013, p. 17 apud OLIVEIRA, DUARTE & CASAGRANDE, 2019, p.171)

³ O Politize! é um portal de educação política, em que oferece conteúdos apartidários, de linguagem fácil e gratuitos.

Desse modo, podemos considerar que as condições da mulher negra no mercado de trabalho são ainda mais inferiores em relação às mulheres brancas, já que as negras carregam consigo o estereótipo de subjugação e inferiorização construído pelo colonizador.

Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida, a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas. Daí ela ser o lado oposto da exaltação; porque está no cotidiano. E é nesse cotidiano que podemos constatar que somos vistas como domésticas. Melhor exemplo disso são os casos de discriminação de mulheres negras da classe média, cada vez mais crescentes. Não adianta serem “educadas” ou estarem “bem-vestidas” (afinal, “boa aparência”, como vemos nos anúncios de emprego é uma categoria “branca”, unicamente atribuível a “brancas” ou “clarinhas”) (OLIVEIRA; DUARTE & CASAGRANDE, 2019, p.172)

Diante desse contexto, as condições enfrentadas pela população negra no mercado de trabalho contemporâneo possuem fortes reflexos de exclusão e degradação de sua mão de obra desde o período da escravidão, em que após a abolição da escravatura, direitos sociais, econômicos e culturais não lhes foram assegurados, assim iniciando um processo de construção de normas e leis trabalhistas gerais, embasadas em dinâmicas sociais racistas, machistas e, conseqüentemente, classistas, responsáveis por dificultar o acesso da mulher negra a diversos espaços da sociedade, as condicionando a funções de trabalho marginalizadas e/ou precarizadas.

Durante o histórico da luta feminista no Brasil e no mundo, conforme as conquistas das mulheres brancas no trabalho, no ensino superior e na construção das suas carreiras profissionais, quando equiparadas, verifica-se a exclusão da mulher negra em todos os campos mencionados. Essa segregação racial, resulta na evasão escolar e na baixa inserção de mulheres negras na área acadêmica, portanto, as relegando a serviços de caráter doméstico e de baixa remuneração (FARIA; LARA, 2019, p.129).

Nessa perspectiva, vários são os estigmas vivenciados por mulheres negras na sociedade e, conseqüentemente, no mercado de trabalho, onde suas forças de trabalho são exploradas e suas oportunidades de ascensão na carreira profissional são diminuídas. Neste sentido, faz-se importante também refletir quais são as dificuldades enfrentadas pelas profissionais negras no mercado de trabalho turístico e quais são os estigmas que elas enfrentam para se inserirem e permanecerem em seus postos de trabalho enquanto mulheres racializadas e passíveis de sofrerem não só com a discriminação de gênero, mas também com o racismo estrutural.

Considerações Finais

Devido aos preconceitos vivenciados por mulheres negras no mercado de trabalho e, como foi discutido, mesmo que de forma breve neste trabalho, podemos considerar que mulheres pretas que trabalham no setor do turismo também estão passíveis de enfrentar obstáculos para que sejam inseridas dentro do mercado de trabalho turístico. O setor do turismo que pode ser compreendido enquanto atividade que gera impactos econômicos, sociais e culturais, quando refletido sobre o viés das condições de desigualdade de gênero e raça, também devem ser objetos de estudo nas discussões acadêmicas.

Ao mensurar a capacidade de profissionais negras no mercado de trabalho turístico, levantam-se questionamentos acerca de como e quais são as dificuldades enfrentadas pela profissional negra ao se inserirem e permanecerem em espaços que continuamente colocam suas habilidades e qualificações patamar de inferioridade. As pesquisas bibliográficas disponíveis no que se refere a participação de mulheres pretas no mercado de trabalho turístico tensionam para essa assertiva.

Os resultados esperados se darão após a coleta de dados realizados a partir das entrevistas que ainda serão aplicadas com o público-alvo da presente pesquisa. Assim, espera-se que através da análise dos dados coletados, embasados nos referenciais teóricos que estão pautando a presente discussão, seja possível compreender as dificuldades vivenciadas pelas mulheres negras no setor do turismo e quais as possibilidades de mitigar essas dificuldades.

Referências bibliográficas

AMARAL, Grazielle Alves. Os desafios da inserção da mulher no mercado de trabalho. **Itinerarius Reflectionis**, v. 8, n. 2, 2012.

BARROS, Suzane Carvalho da Vitória; MOURÃO, Luciana. Panorama da participação feminina na educação superior, no mercado de trabalho e na sociedade. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, 2018.

FARIA, Laryssa et al. “NEGA DE NINGUÉM”: A CONDIÇÃO DA MULHER NEGRA NO MERCADO DE TRABALHO CONTEMPORÂNEO. **Percursos**, v. 4, n. 31, p. 128-131, 2019.

JACINO, Ramatis. O branqueamento do trabalho. São Paulo. Ed. Nefertiti, 2008.

LAUFER, J. Introdução: Entre a esfera pública e a esfera privada: os desafios dos direitos da mulher. In: MARUANI, M. e HIRATA, H. (Orgs.). **As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho**. Trad. Clevis Rapkiewicz. São Paulo: Senac, 2003

OLIVEIRA, Glacielli Thaiz Souza de; DUARTE, Maria Alves de Lima. CASAGRANDE, Lindamir Salete. Possibilidades e dificuldades das mulheres negras no processo de formação em serviço social. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 12, n. 40, p. 169-188, jul./dez. 2019.

RIO DE JANEIRO. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. (org.). **Estatísticas de gênero : indicadores sociais das mulheres no Brasil / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais**. 2021. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101784>. Acesso em: 21 out. 2022.

SANTOS, J. & COIMBRA DE SÁ, N. S. (2021). A mulher negra viajante: experiências e estratégias de combate à sua (in)visibilidade no turismo. *Revista de Turismo Contemporâneo*, 9(2), 252-269. <https://doi.org/10.21680/2357-8211>.

SOARES, Sergei Suarez Dillon. Perfil da discriminação no mercado de trabalho: homens negros, mulheres brancas e mulheres negras. 2000.

VIEIRA, Bianca. Mulheres negras no mercado de trabalho brasileiro: um balanço das políticas públicas. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, p. 1-19, 2017.